

A REPRESENTAÇÃO DO
TEMPO NA CRIANÇA

852

SYLVIO RABELLO

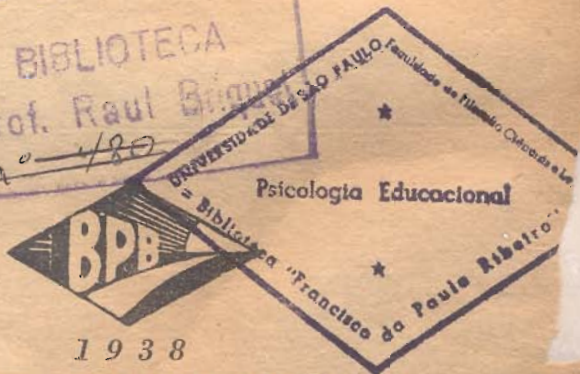
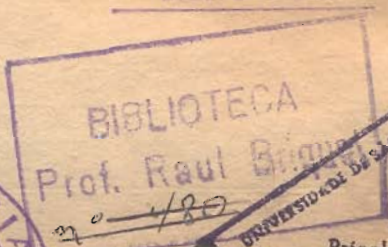
Professor de Psychologia da Escola Normal de Pernambuco

A REPRESENTAÇÃO DO TEMPO NA CRIANÇA

014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL

— BIBLIOTECA —



1938

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE

68

Biblioteca "Francisco de Paula Ribeiro" 1.014

“Sans doute il y a maintenant unanimité chez les psychologues et chez les pédagogues pour reconnaître que l'enfant n'est pas simplement un adulte en réduction, qu'il a ses façons à lui de réagir, d'imaginer, d'expliquer. Mais certains de ceux qui ont le mieux contribué à l'établir, combineraient volontiers à cette constatation un principe dont le résultat est d'assimiler plus ou moins étroitement l'enfant au primitif. L'ontogénèse répétant la phylogénèse, le développement de l'enfant résumerait celui de l'humanité, et par conséquent les étapes de sa pensée répondraient à celles qui ont amené notre fraction d'humanité du type primitif à notre type actuel de société et de mentalité”.

H. Wallon

PREAMBULO

A criança brasileira é ainda um campo de estudo que está por ser desbravado. Repete-se, entre nós, a historia de todos os tempos: partimos do empirismo para a systematização e as normas racionaes.

Podemos formular a velha phrase de Rousseau — “não conhecemos a criança” — sem receio de surpresa. Como aconteceu em toda parte, procuramos educar, prevenir, curar e orientar para a vida, movidos apenas pelas experiencias de cada dia, por simples intuição. Até que obtenhamos os elementos necessarios para a fixação do nosso typo somatico e psychico, muito erro teremos de commetter.

O nosso proposito é tentar um esboço da physionomia mental da nossa criança. Procurando os traços mais vivos e caracteristicos do comportamento da criança pernambucana, contribuímos com a nossa quota de material para posterior recomposição da sua physionomia integral, graças aos dados de outros nucleos — sujeitos a influencias differentes de herança, de tradição, de família e de habitos sociaes.

Sáimos, assim, da velha praxe de buscar nos livros estrangeiros, por um quasi irremediavel vicio de compilação, aquelles elementos que poderíamos colher, sem os perigos da adaptação, bem perto de nós.

Parece-nos esta a orientação que melhor convem a todos que têm uma parcella de responsabilidade no destino de nossa gente e de nossa terra.

À semelhança do que realizámos no estudo da psychologia do desenho infantil, fixamos agora as reacções da criança em face das relações temporaes. Entre as noções necessarias á representação e á comprehensão dos phenomenos, é de certo do tempo uma das mais fundamentaes e elementares. Como a criança interpreta o tempo e o utiliza nas suas concepções — é o objecto do presente trabalho.

Estamos perfeitamente seguros de que não fizemos uma obra completa e definitiva. Traçámos apenas as linhas geraes. — tentativa que não foi de todo mallograda. O terreno é de difficil accessso e daquelles que não attraem os apressados ou os simples curiosos.

O AUTOR

INDICE

Cap. 1 — O TEMPO: PROBLEMA SEM SOLUÇÃO

Thema de divagações philosophicas. — Pontos de vista de Platão e Aristoteles — O continuo de Plotino. — A metaphysica dos doutores da Igreja. — Aprioristas e empiristas: Kant e Guyau. — Tempo-habito e tempo-medida. — A duração bergsoniana. — O meio continuo em que reside a liberdade moral. — Os signaes temporaes de Bard. — O ponto de vista objectivo de Pieron. — A concepção estruturalista. — O proposito deste ensaio. 1

Cap. 2 — AS PESQUISAS ANTERIORES: WETTSTEIN e ZANDE

A pesquisa collectiva de Bertha Wettstein. — O inquerito das 50 questões. — Resultados que envolvem crianças de 6 a 8 annos. — O desenvolvimeno da noção de tempo, pelo criterio de 75%. — A investigação de Robert Zande. — Seu questionario. — Os resultados obtidos em jardins da infancia e em classes primarias. 11

Cap. 3 — A NOSSA PESQUISA E A PSYCHOLOGIA DO INTERROGATORIO

O methodo dos inqueritos; suas vantagens e desvantagens. — O criterio que adoptámos. — A technica do interrogatorio. — A suggestão por palavra e por perseveração. — Os typos de resposta segundo Jean Piaget: respostas ao acaso, fabricadas, suggeridas, *declenchées* e espontaneas. — O nosso

questionario. — Os resultados entre 3 e 10 annos. — Questões que se elevaram á percentagem superior a 75. . . .

Cap. 4 — OS MOMENTOS DA CONTINUIDADE

As noções de *manhã* e *tarde* são aquisições empiricas. — Observações de Binet-Simon, Wettstein, Decroly-Degand, Zande e do Instituto de Psychologia da Assistencia a Psychopathas de Pernambuco. — O *cêdo* e o *tarde* relacionados com a posição do sol são noções accessiveis desde as primeiras idades. — *Antes e depois*: momentos relacionados a um ponto variavel. — As altas percentagens obtidas. . . .

Cap. 5 — POSIÇÃO DO TEMPO

Tres testes sobre as noções de *hoje*, *hontem* e *amanhã*. — Observações de Zande, Decroly-Degand e Simon. — A noção de futuro proximo é mais precoce do que a de passado igualmente proximo. — Resultados geraes sobre as noções de *hoje*, *hontem* e *amanhã*. — O tempo remoto: o passado e o futuro são noções de caracter geral. — As taxas elevam-se a partir dos 7 annos.

Cap. 6 — AS IDADES — AS RELAÇÕES DE TEMPO E ESPAÇO.

O conhecimento da propria idade. — As conclusões de Zande. — As percentagens augmentam com a escolaridade. — O espaço associado ao tempo. — A estimativa da extensão por unidade de tempo. — Prioridade do espaço sobre o tempo. — As respostas vagas das crianças entre 3 e 5 annos.

Cap. 7 — QUANDO É POSSIVEL A DETERMINAÇÃO DO TEMPO SOCIAL.

O conhecimento do tempo social depende para Zande do estagio escolar. — O nosso ponto de vista. — A determinação do dia da semana, do mez e do anno. — As estações. — Os termos que indicam as estações são para Simon vazios de sentido até 8 annos. — Determinação do dia do mez. — A aquisição parallela da indicação do dia, do mez e do anno

Cap. 8 — A DIVISÃO DO TEMPO EM UNIDADES

Os periodos largos. — Opiniões de Zande e Rasmussen. — A noção de anno e a data do anniversario. — A influencia do systema decimal, observada por Wettstein. — As phases da lua servirão de ponto de referencia ao conhecimento da noção de mez? — Os dias do anno. — Numero de semanas do mez e de dias do mez. — O domingo na aquisição da noção de semana. — A influencia do estagio escolar na divisão do tempo.

81

Cap. 9 — A AVALIAÇÃO CHRONOMETRICA

Os momentos do dia: hora, minuto e segundo. — Dia de 12 horas. — Fracas percentagens obtidas no conhecimento da hora e suas subdivisões. — Que horas são? — Taxas pouco elevadas. — Possivel influencia do meio. — Dois testes de tempo. — A successão dos dias e o movimento do relógio. — Interpretação mecanica do tempo.

93

Cap. 10 — CONCLUSÕES GERAES

A noção de tempo atravez das idades. — Os aspectos temporaes facilmente apreendidos e os de tardia aquisição. — O criterio da percentagem de 75. — As conclusões: a evolução lenta do tempo, as aquisições puramente empiricas e as escolares, e as differenças de sexo.

105

Cap. 11 — A EVOLUÇÃO DA NOÇÃO DE TEMPO NA CRIANÇA

Mundo sem perspectiva. — O passado e o futuro não tem significação nas primeiras idades. — O deslocamento e a projecção do tempo. — A prioridade da noção de tempo. — Opiniões de Moine, Rasmussen e Guyau. — O nosso ponto de vista em opposição ao de Guyau. — O futuro é descoberto pela criança antes do passado. — O futuro e a attitude de expectativa. — O tempo e a sua nomenclatura. — Como a criança assigna a sequencia chronologica. — Da emissão á clara definição do tempo. — A historia

das noções de espaço e tempo. — Choque das correntes.
— Os termos de espaço e os de tempo. — Ordem espacial
e ordem temporal.

Cap. 12 — ONTOGENESE E PHYLOGENESE: NOÇÃO
CONFUSA DO TEMPO

A extensão da obra de Levy-Bruhl. — Irreductibilidade aos
processos geraes de compreensão. — O valor substantivo da
criança: velha e nova psychologia da infancia. Aproxima-
ção das idéas de Stanley Hall e de Freud. — Parallelo
historico-evolutivo entre a mentalidade da criança e a do
primitivo: Baldwin, Stern, Stanley Hall, Thorndike e
Koffka. — Analogia entre o tempo da criança e o do pri-
mitivo. — Confusão inicial. — Realidade do passado e do
futuro. — A chronologia e o sentido do tempo. — A deter-
minação do tempo pelas occupaões diarias, pelos sões,
pelas divisões naturaes do dia, pelos somnos.

Cap. 13 — A INTERPRETAÇÃO E A ILLUSÃO INFANTIL
DO TEMPO

A interpretação mecanica do tempo e dos phenomenos em
geral. — Os typos de causalidade observados por Jean
Piaget. — O interesse theorico da criança e do adolescente.
— A illusão infantil do tempo. — A avaliação subjectiva
da duração. O tempo é sempre longo na infancia. — O
phenomeno de ampliação e a expectativa do futuro. — O
desejo de ser grande. — Complexo de inferioridade. — O
tempo da infancia apreciado pelo adulto. — A amnesia
dos tres primeiros annos. — Indifferenciação e confusão.
do pensamento infantil. — Um aspecto da psychologia in-
fantil que não foi interpretado. — A ampliação como
tendencia dominante da mentalidade da criança. — As re-
presentações, os julgamentos e as reacções da conducta
em geral. — O principio de prazer em antithese ao principio
de realidade.

Cap. 14 — O TEMPO NOS BRINQUEDOS E NAS HISTORIAS-DE-TRANCOSO

O brinquedo é a grande expressão de vida da criança. — A explicação do brinquedo infantil envolve a propria explicação da infancia. — O plano do *aqui* e do *agora*. — O mundo mythico e o mundo das realidades. — O brinquedo é um exercicio preparatorio? — De Karl Groos a Alfred Adler. — Função prospectiva do brinquedo. — As concepções do tempo no brinquedo. — A actividade mythica do brinquedo continuada nas historias-de-trancoso. — Sonhos, mythos e contos populares. — A afinidade das crianças pelas historias. — O tempo plastico das historias-de-trancoso.

157

Cap. 15 — O TEMPO E O MUNDO HISTORICO

A representação do tempo na criança e o ensino da historia. — O ensaio de Moine. — Os typos de professor de historia: os que permanecem na rotina, os que ensinam *historias* e os que adoptam a attitude funccional. — As lacunas observadas por Moine. — O mecanismo psychologico da representação do mundo historico. — Advertencia aos mestres.

173

BIBLIOGRAPHIA 179